

Fernando Molica

Federação une partidos sem rosto

Integrantes da mais nova federação partidária, filiados ao União Brasil e ao Progressistas têm diversos motivos para divergir entre si — nenhum deles, porém, ligado a programa de governo ou a visões de Brasil.

Fiéis à tradição da maioria de nossos partidos, as duas agremiações não primam pela discussão de questões ideológicas ou de projetos nacionais, têm o objetivo principal de chegar ao poder: de um modo geral, associadas a outros partidos, não importa se de direita ou de esquerda. Miram também as pra lá de generosas verbas destinadas ao financiamento da atividade política e eleitoral.

Fazem parte de um grupo que reúne também o MDB, o Republicanos, o PSD e outros de menor expressão, como o outro poderoso PSDB. Alguns deles ainda procuram se definir como de centro, um viés ideológico que se apresenta mais pelo que não é do que pelo que diz ser.

Ao tirar a palavra direita de dentro do armário e mostrar a

força eleitoral desse campo, Jair Bolsonaro abriu caminhos para políticos que, enfim, tiveram coragem de afirmarem que cultivavam posições conservadoras.

Esse conservadorismo, porém, é, na prática, mais vinculado à tradição de ligação com o poder do que a posições ligadas, por exemplo, à defesa do liberalismo. Ainda mais num país em que liberais cresceram à sombra de um Estado que dizem condenar.

Na lógica brasileira, a ausência de um mínimo denominador ideológico comum é uma qualidade, e não um defeito. É isso que permite a esse grupo de partidos irem mais pra lá ou mais pra cá dependendo dos ventos, atuais e futuros.

A inconsistência dessas agremiações não exige posições unitárias, um grupo pode apoiar um governo mais à esquerda enquanto outro flerta abertamente com a direita. Nem mesmo a polarização protagonizada por bolsonaristas e petistas é suficiente para arrancar posições mais claras desses parlamentares que se movem

na política como patinadores, que deslizam em várias direções.

Eles sabem que uma definição ideológica mais rígida lhes seria pouco lucrativa, diminuiria suas possibilidades de aliança. Rodeiam o poder como consumidores que, numa loja de roupas, pedem aquelas de tamanho único que, em tese, serve para altos e baixos, gordos e magros.

Apesar de uma maior identificação desses grupos com a direita, é impossível dizer, hoje, de que lado estarão em 2026. Isso vai depender de pesquisas, de perspectivas de poder, das chances de serem recompensados.

A situação é tão confortável, que mesmo a opção por um cavalo que venha a ser derrotado não os afastará de postos de comando. A exemplo do que vem ocorrendo nas últimas décadas, o presidente que vier a ser eleito, qualquer que seja ele, vai depender desses partidos para conseguir governar. Nessas horas, o fato de ter ficado do lado oposto na corrida eleitoral tem grandes chances de virar vantagem.

O sistema político-institucional brasileiro favorece a proliferação de partidos políticos nem contra, nem a favor, muito pelo contrário. O Congresso é, cada vez mais, ocupado não por legisladores, mas por políticos que atuam principalmente para obter e liberar verbas.

A atuação paroquial de deputados e senadores mina o debate público e fortalece a eleição de parlamentares não comprometidos com algum tipo de projeto. O contexto torna cada vez mais irrelevantes discussões amplas sobre o futuro do país — no lugar de debates e decisões sobre mudanças no sistema de saúde, o foco é na obtenção de grana para um hospital ou posto de saúde, medida que poderá garantir a reeleição de um parlamentar.

Esse tipo de lógica também favorece a proliferação de deputados que atuam descolados de qualquer orientação partidária. Seguem a direção apontada pelo próprio nariz, sem qualquer compromisso mais amplo.

Ruy Castro*

Monstros de estimação

Outro dia, passando para mim mesmo o DVD de “O Lobisomem”, o clássico de 1941 com Lon Chaney Jr., mais uma vez fiquei revoltado: o Lobisomem, depois de esmagar dois ou três em defesa própria, é morto a tiros pelo próprio pai na penúltima cena e, na última, quebrando-se a maldição de que fora vítima, volta a ser o inocente Lawrence Talbot, um sujeito que, de tão doce, é uma ameaça para diabéticos.

Já se fizeram muitos filmes de lobisomem. Em todos, ele morre no fim, e o roteirista nunca lhe concede a dádiva de uma lágrima em sua última agonia. Ninguém se comove com o fato de que o

infeliz, por ter sido mordido por um lobo, transformou-se num deles e, daí, ficou proibido de ser recebido em casas de família. Mas que culpa teve nisso?

Outro monstro injustiçado é a criatura construída pelo Dr. Victor Frankenstein, a quem o mundo atribuiu o nome do médico. Frankenstein, o monstro, não pediu para nascer, e muito menos à base de pedaços já meio podres de cadáveres surrupiados de túmulos. Não queria ser um monstro. Os homens é que o tornaram assim, negando-lhe o direito de conviver em sociedade. Desesperado, pediu ao cientista que lhe construísse uma

fêmea, tão horripilante quanto ele, com a qual se mandaria para o polo Norte. Mas o médico, com a fêmea já quase pronta, destruiu-a, e Frankenstein, vindo tudo pela janela, sentiu-se condenado a matar. Será justo condená-lo?

Para não falar na Múmia, originalmente um príncipe egípcio assassinado pelo pai da garota que ele amava e embalsamado para a eternidade. Pois, 4.000 anos depois, lá está ele quieto no seu sarcófago, e este é arrombado por arqueólogos ingleses enxeridos. Não imaginaram que o mau hábito de uma múmia milenar pode ser mortal?

Correndo o risco de passar por piegas, tenho pensado em estender essa compaixão ao dragão de São Jorge. Confesso que, com todo o respeito pelo santo guerreiro, incomoda-me ver o dragão, já caído e subjugado, ser trespassado com uma lança pelo herói armado, de capacete e a cavalo. Qual foi sua culpa? Ou morreu apenas por ser dragão? Se assim for, é todo o Direito que está em jogo.

***Jornalista e escritor. Autor das biografias de Carmen Miranda, Garrincha e Nelson Rodrigues. Membro da Academia Brasileira de Letras.**

OUTRAS PÁGINAS NO BRASIL E NO MUNDO

José Aparecido Miguel (*)

Rio de Janeiro amplia concessão do metrô. Hoje é Dia Nacional da Mulher

1-DIA NACIONAL DA MULHER é celebrado anualmente em 30 de abril no Brasil. Esta data foi criada para reforçar o desenvolvimento e reeducação social sobre os direitos que as mulheres devem ter na sociedade. Assim como o Dia Internacional da Mulher, comemorado em 8 de março, o Dia Nacional da Mulher também homenageia e lembra a luta das mulheres na conquista de seus direitos. Infelizmente, o Dia Nacional da Mulher não é devidamente difundido no país. (...) (Alto Garças)

2-RIO DE JANEIRO PRE-VÊ EXPANSÃO DA LINHA 2 DO METRÔ - O metrô pre-

vê expansão da Linha 2 para chegar à Praça Quinze e busca recuperar passageiros, apesar da lenta expansão de seu serviço. Por Geraldo Ribeiro. O metrô do Rio tem dois grandes desafios pela frente. O primeiro é recuperar o volume de passageiros transportados antes da pandemia, que caiu dos cerca de 900 mil diários para 650 mil. O outro é tirar do papel antigos projetos, como o de ligação do Estácio com a Praça Quinze, que já fazia parte dos planos iniciais para o sistema inaugurado em março de 1979. O metrô do Rio foi o primeiro do país a ser privatizado. A malha cresceu para 41 estações e 54,4 km de

extensão, além de contabilizar mais de 4 bilhões de embarques em três linhas, mas segue em ritmo mais lento que o metrô de São Paulo, por exemplo, cuja operação foi iniciada pouco antes, em 1974. No Rio, a última expansão foi em 2016. Na avaliação do presidente do conselho da Associação Nacional dos Transportadores de Passageiros sobre Trilhos, Joubert Flores, a diferença entre Rio e São Paulo é que o metrô paulista foi beneficiado por uma política de investimentos contínua, o que não aconteceu por aqui. (...) (O Globo)

3-ANTI-TRUMP VENCE NO CANADÁ. Mark Car-

ney, liberal que fez campanha anti-Trump, vence eleição no Canadá. O Partido Liberal saiu vitorioso na eleição do Canadá segunda-feira, 28. A disputa que opôs o primeiro-ministro Mark Carney ao candidato conservador Pierre Poilievre foi marcada pela reviravolta provocada por ameaças do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ao país vizinho. (...) (O Estado de S. Paulo)

(*) José Aparecido Miguel, jornalista, diretor da Mais Comunicação-SP, trabalhou em todos os grandes jornais brasileiro - e em todas as mídias. E-mail: jmigueljb@gmail.com

EDITORIAL

BC: inadimplência de famílias deverá subir

Ao admitir que as instituições financeiras sinalizaram adotar uma posição de mais cautela, no que toca ao apetite de risco em 2025, diante do cenário externo ‘desafiador’ — marcado pela maior relevância e percepção de piora no ciclo econômico-financeiro global, precipitada pelo ‘tarifaço’ do presidente dos EUA, Donald Trump — o Relatório de Estabilidade Financeira (REF), publicação semestral divulgada, nessa terça-feira (29) pelo Banco Central (BC) destaca que o mercado manifestaram preocupação crescente com a possibilidade ‘desaceleração acentuada da economia’, em meio a um cenário de elevação da inadimplência e do endividamento, seja de famílias ou de empresas.

Embora admita o ‘dinamismo’ da economia doméstica, o documento avalia que a capacidade de pagamento das famílias e empresas “segue desafiadora”, em que pese o comprometimento de renda das famílias, historicamente alto e em ascensão.

Apesar dos ‘temores’, o REF ressalva que “o SFN (Sistema Financeiro Nacional) permanece com capitalização e liquidez confortáveis e provisões

adequadas ao nível de perdas esperadas. Além disso, os testes de estresse de capital e de liquidez demonstram a robustez do sistema bancário”, acrescentando que “a confiança na estabilidade do Sistema Financeiro Nacional permanece elevada, e o financiamento à economia real continuou a acelerar no segundo semestre de 2024”.

Voltando a carga para a questão do crédito às famílias, o relatório admite que, mesmo com o início do ciclo de aperto monetário em setembro do ano passado, este persistiu em aceleração, em especial, em modalidades de maior risco e para tomadores com menor renda. Já com relação às empresas, os critérios de contratação não se alteraram de forma significativa.

Após reconhecer que “as maiores exposições do SFN ao risco climático físico se associam a secas dos biomas Cerrado, Mata Atlântica e Pampa”, o REF destacou o atual ciclo de alta dos juros, hoje em 14,25% ao ano, e com expectativa de nova alta na próxima semana, “deverá ter forte impacto às empresas não financeiras, porém mais moderado que durante a recessão de 2015-2016”.

O pífilo chororô pela camisa do Brasil

Desde que o site FootyHeadlines, famoso por vazear camisas de futebol, vazou a informação de que a Seleção Brasileira deixaria a camisa azul de lado e adotaria uma camisa vermelha como segundo uniforme na Copa do Mundo FIFA 2026, que será disputada no México, EUA e Canadá, criou-se uma falsa comoção recheada de hipocrisia em defesa da bela camisa azul.

Toda Copa do Mundo é a mesma coisa. Basta o Brasil cogitar jogar de azul que os torcedores mais supersticiosos dizem que o uniforme azul é ‘zikado’. Todo mundo já ouviu essa baboseira. Ai, agora que anunciam algo diferente, já se fala que é uma mudança absurda. O Deputado federal Zé Trovão (PL/SC), inclusive, apresentou - pasme - um projeto de lei para tentar impedir que a CBF utilize a tal camisa. Como se faltassem pautas de verdade para serem

discutidas em Brasília, não é mesmo?

Dito isso, como será que esse pessoal reagiria em 1954, quando o Correio da Manhã promoveu o concurso para anunciar o novo uniforme da Seleção Brasileira, que aposentou o branco e azul, adotando o verde e amarelo? Como eles reagiram em 2019, quando a Nike abriu mão do uniforme azul, trazendo de volta a camisa branca? Ali não teve essa choradeira besta.

Para quem diz que vermelho não tem nada a ver com o Brasil, falta conhecimento histórico. O nome ‘Brasil’ deriva da palavra celta ‘Barkino’ e foi dado por significar ‘vermelho como brasa’. O nome veio quando os portugueses se encantaram justamente com o tingimento vermelho do pau-brasil.

Enfim, o que vai definir a aceitação da camisa vermelha são apenas duas coisas: bola na rede e a taça voltando para cá.

Opinião do leitor

Inesquecível Senna

1º de maio de 1994, jamais esquecerei. Domingo de sol, feriado, Fórmula 1 na televisão e futebol. Tinha tudo para ser perfeito. Nesta quinta-feira se completam 31 anos que Ayrton Senna se foi. Uma perda que sangrou o Brasil. Um ídolo acima de torcidas.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: PAÍSES PREOCUPADOS COM O DIA DO TRABALHADOR

As principais notícias do Correio da Manhã em 30 de abril de 1930 foram: França e China se agitam para as manifestações comunis-

tas em Paris e Xangai, sobre o Dia do Trabalhador. Conde Zepelin não vem ao Brasil por falta de terreno para aterrissagem. Notícia do em-

préstimo do Governo de São Paulo não abalou o mercado do café, que ficou praticamente estável. Paraíba é o estado que mais exporta algodão.

HÁ 75 ANOS: ALIANÇA PSD-UND DIFÍCIL COM EDUARDO GOMES

As principais notícias do Correio da Manhã em 30 de abril de 1950 foram: fica mais difícil uma aliança UDN-PSD com a possível

candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes. Crise política faz Bélgica convocar novas eleições gerais para junho. Boatos indicam uma ONU

sem os países comunistas. Tesouro Nacional pede o recolhimento e o fim da circulação de notas do padrão mil-réis.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira
Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt.10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.